

Aureliano admite renegociar

Givaldo Barbosa



Aureliano disse aos empresários que aceita renegociar "politicamente" a dívida externa

ARNOLFO CARVALHO

da Editoria de Economia

O presidente Aureliano Chaves está disposto a partir para a "renegociação política" da dívida externa com os banqueiros estrangeiros, obtendo prazos e condições mais aceitáveis para o país, mas está esperando apenas que os ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvêas, da Fazenda, concluam ainda hoje o acordo técnico com a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Esta disposição do Presidente da República ficou clara ontem no decorrer do dia, após ele ter recebido uma delegação de lideranças empresariais, a quem demonstrou sua discordância com programas econômicos de natureza recessiva. O banqueiro Pedro Conde, ex-presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), saiu do encontro defendendo a "renegociação política" da dívida externa.

Conde informou aos jornalistas que o presidente Aureliano Chaves concordava com as críticas dos empresários ao acordo com o FMI, chegando a citar trechos que teriam sido ditos durante a audiência. Em seguida, ele subiu até o gabinete do ministro Delfim Netto, de onde desceu meia hora depois para procurar os jornalistas e desmentir formalmente que Aureliano Chaves tivesse condenado o programa acertado com o FMI. "Trata-se apenas de minha opinião pessoal, que foi exposta ao Presidente" — consertou Conde, presidente do Banco Nacional de Crédito (BNC).

Neste meio tempo outro empresário que participou da audiência com Aureliano — Antônio de Oliveira Santos, presidente da Confederação

Nacional do Comércio — confirmou à imprensa, ainda no saguão do Palácio do Planalto, aquilo que Pedro Conde havia informado inicialmente. "O Presidente da República declarou que não há como comparar economias disparees, de diferentes países, mas ele não fez nenhuma menção às negociações com o FMI" — afirmou Santos.

O banqueiro Pedro Conde foi mais além: segundo ele, "não se chegou a tratar da negociação com o FMI, e nem seria ético da parte do Presidente, como Presidente do Brasil e enquanto o país está negociando com o Fundo, dizer que é contra a negociação. Seria totalmente antiético, estaria prejudicando o Brasil e estaria torpedeando o presidente Figueiredo, coisa que ele (Aureliano) não faz de jeito nenhum".

Mas Antônio de Oliveira Santos garantiu que sentiu, no contato com Aureliano Chaves, que ainda não tem nada definitivo com relação às negociações com o FMI. "O que eu senti do Presidente é que estas condições ainda estão em negociação, não são fato consumado, e provavelmente as condições serão negociadas tantas vezes quanto forem necessárias". Perguntado porque ele

sentia isso com relação a Aureliano, Santos reagiu: "Não fui eu que disse, foi o Pedro Conde, acho que colocou o problema, e aí eu senti que o Presidente mostrou que tem que haver uma maior flexibilidade na colocação do problema junto ao FMI".

Pedro Conde, mesmo desmentindo o que havia dito antes de se reunir com Delfim Netto, continuou defendendo a necessidade de se partir para uma "renegociação política" da dívida, diretamente junto aos banqueiros e independentemente do acordo com o FMI. "Acho que atualmente nós já estamos vivendo uma **moratória consentida**, mas moratória consentida é uma expressão que já perde o significado de moratória" — explicou o banqueiro, lembrando que "pedir moratória real, moratória mesmo, unilateral, é que seria um absurdo".

Isto quer dizer, de acordo com fontes do próprio governo, que finalmente o governo aceitou partir para a renegociação global da dívida externa, mas quer fazer isto após concluir o acordo com o Fundo, para evitar um trauma maior sobre a comunidade financeira internacional, que se refletiria no fechamento do comércio externo: para começar, o país poderia ficar sem todo o petróleo importado de que precisa. Mas a renegociação global — e não a formalização de uma moratória — seria conduzida com o consentimento do próprio FMI, através de contatos diretos com os banqueiros credores.